

Experiências docentes no ensino remoto emergencial

Lucas Natanael Rodrigues Alves
Lucas Pinheiro
Reginaldo Lopes

15

A suspensão das atividades letivas presenciais no Brasil (e em diversos lugares por todo o mundo), gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade *online*; adaptando metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem às demandas de um ensino remoto de emergência. Mais do que a transferência de práticas presenciais, faz-se necessário agora criar modelos de aprendizagem virtuais que incorporem processos de desconstrução e que promovam ambientes de aprendizagem colaborativos e construtivistas nas plataformas escolhidas (MOREIRA, 2018).

A portaria do MEC, de número 544 (BRASIL, 2020), estendeu as aulas remotas até o fim do ano de 2020, autorizando o uso de recursos educacionais digitais, e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como alternativa para a continuidade do ensino. No entanto, frente à impossibilidade de realização de aulas presenciais, as instituições de educação que atendem aos diferentes níveis de Ensino (Básico ou Superior) se viram diante de um impasse: suspender as atividades ou mantê-las, na medida do possível, remotamente?

Desde então, essas questões referentes ao EaD passaram a fazer parte das conversas e das reflexões de professores e estudantes, os quais tinham como única experiência de educação formal a modalidade presencial. Pode-se dizer que, em função disso, provém parte da confusão conceitual que hoje estamos vendo entre EaD e ensino remoto (RODRIGUES, 2020).

Não estamos falando de uma alternativa, mas de uma necessidade de mudança por força e obra da realidade, um tempo necessário de

adaptação e resiliência. Possibilitando, assim, que todos os que necessitam compreender as questões inerentes à utilização das tecnologias, a enxerguem como parceira da efetivação da prática docente nessa nova forma de ensinar. Dito isso, temos como objetivo realizar uma análise reflexiva acerca da prática docente no ensino remoto em tempos de pandemia.

As considerações e reflexões até agora vêm sendo desdobramentos de um saber inicialmente apontado como necessário à formação docente; ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Reforçando com um exemplo: os estagiários tiveram que se colocar na “pele” do supervisor e de outros sujeitos da escola, pois o Estágio era um espaço que se abriu às indagações, à curiosidade, questões complexas que se apresentaram. Ainda, nos vemos diante dos alunos, com suas realidades, barreiras que pareciam superficialmente inibição ou desatenção, mas nos mostravam o valor da tarefa docente.

De acordo com Hodges (2020), o ensino remoto emergencial difere da modalidade de Educação a Distância (EaD), pois este conta com recursos e uma equipe multiprofissional preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas, através de diferentes mídias em plataformas *online*. Além das aulas, o planejamento pedagógico considera situações atípicas e exige a resolução criativa de problemas, demandando transposição de ideias tradicionais e proposição de estratégias pedagógicas que atendam à demanda dos estudantes e professores.

Enquanto isso, ao ensino remoto emer-

gencial, devemos o reconhecimento de que o acesso às TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) nas instituições escolares ainda é um entrave na realidade brasileira. São recorrentes, também, problemas como má infraestrutura e formação docente deficitária, as quais interferem em uma utilização crítica, intencional e produtiva das tecnologias.

“Uma entre mil realidades” do ensino remoto emergencial

A partir de nossa vivência, enquanto estagiários, vimos que muitos alunos precisavam utilizar os aparelhos celulares de seus pais por não disporem de um de uso individual. Essa falta de recurso acabava impossibilitando a interação com o restante da turma e com os próprios professores, principalmente durante o desenvolvimento de trabalhos das mais variadas disciplinas. Outro ponto necessário a relatar é a

difículdade de acesso de algumas famílias da comunidade escolar a uma rede Wi-Fi em suas casas, levando os pais dos alunos a utilizarem uma parte de sua receita para custear o acesso à internet, de forma limitada e em horários específicos.

É de grande valia abordar a temática da experiência do estagiário, principalmente no que diz respeito ao retorno das atividades habituais, tendo em vista o contexto pandêmico em que contemplamos na atualidade. Por isso, convém pontuar a vivência do ponto de vista afetivo, devendo considerar o distanciamento e falta de contato presencial como um fator atenuante para adaptar os processos de ensino à uma nova realidade escolar.

O primeiro ponto a elucidar é o retorno presencial das aulas que se difere e muito de qualquer experiência à distância, por limitar a interação humana que, ao nosso ver, é um fator primordial nas relações características da escola. Esse contato é crucial para desenvolver a liberdade de expressão dos alunos, a ser aflozada no âmbito pessoal e interpessoal, e para reconhecer as afinidades e anseios de cada um, conhecendo de fato cada aluno, integrando-o como parte do coletivo.

Sobretudo, o retorno como estagiários, nos faz experimentar uma sensação nostálgica, um filme que apresenta memórias de nossas adolescência e de como, muitas vezes, esnobamos o professor, por não conhecer a sua história ou a ausência de recursos e ou suporte que ele enfrenta. Com frequência, falta uma estrutura física na instituição que trabalha; essas dificuldades, infelizmente, tornaram-se marcas que caracterizam os educadores hoje em dia.



(Jordan Harrison/Unsplash)

Vale destacar, também, que a tensão entre o virtual e o presencial, na experiência do Estágio docente, nos trás um desafio a mais dentro da proposta de educação libertadora formulada por Paulo Freire em sua pedagogia da autonomia. A troca de saberes e experiências defendidas pelo autor certamente passa a ser mais difícil de ser alcançada no meio virtual, devido ao distanciamento entre professor-estagiário-aluno que é acentuado no período da pandemia.

Sabe-se que essa proposta sempre encontrou resistência de todas as partes, inclusive dos próprios professores e alunos. No entanto, desde o começo do retorno gradual das atividades escolares no formato remoto, essa ação educativa emancipatória passou a apresentar, na falta do encontro e do contato presencial, um novo obstáculo para a desconstrução de que o saber parte de uma lado sempre de uma direção para a outra.

A experiência docente no espaço virtual não pode ser vista como um problema, mas como uma oportunidade para encontrarmos alternativas e motivação para enfrentarmos o verdadeiro e histórico problema que habita nas desigualdades. O último semestre nos mostrou isso na prática, ao termos presenciado situações que denunciaram o descaso social dentro do acesso à educação. A turma em que fomos acolhidos, por exemplo, nos fez ter um contato direto com a exclusão digital e com as dificuldades sociais regionais.

Como futuros profissionais da educação com formação em Geografia, é fundamental que saíamos com outro olhar social, mais sensível a esses descasos. Além disso, é importante que

estejamos cientes do quanto metodologias e abordagens adequadas podem ajudar, que essa ciência e os saberes escolares são sementes potentes de transformação social do mundo e para formação das futuras gerações.

Referências

- Brasil. Ministério da Educação. (2020). **Coronavírus: monitoramento nas instituições de ensino**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/coronavirus/>>. Acesso em: 27 de julho de 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 148p.
- HODGES, C. (et all). **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning**. EDUCAUSE Review, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn3>. Acesso em: 25 de julho de 2021.
- MOREIRA, J. A. Modelos pedagógicos virtuais no contexto das tecnologias digitais. In: D. MILL; G. SANTIAGO; M. SANTOS; D. PINO (Eds.) **Educação à Distância. Dimensões da pesquisa, da mediação e da formação**. São Paulo: Artesanato Educacional, p. 37-54, 2018.